

Fotos cedidas por Elmira Nogueira Batista.



# O negociador

Um perfil do Embaixador Paulo Nogueira Batista

LUCAS OLIVEIRA BARBOSA LIMA

Houve um tempo em que a alta cúpula do Itamaraty de hoje - do Ministro de Estado a Diretores de Departamento ou Chefes de Divisão - era ainda um grupo de jovens recém-ingressados na carreira diplomática, tendo a experiência de trabalhar com seu primeiro chefe. E se ele fosse o Embaixador Paulo Nogueira Batista (PNB, como era chamado por muitos colegas), tinha-se a certeza de um desafio. Em 1968, foi o primeiro Secretário de Planejamento Diplomático do Ministério, assessorado pelos então secretários Celso Amorim e Samuel Pinheiro Guimarães. Em 1986, PNB convidou o atual Embaixador Antonio Simões para sua primeira remoção a Genebra, para lá substituir um secretário que acabava de ser removido para Pequim, o atual Secretário-Geral das Relações Exteriores, Embaixador Antonio Patriota. Ao fazer a série de entrevistas com diplomatas da Casa para montar o quebra-cabeça da imagem e da personalidade de Embaixador PNB, falecido em 1994, nota-se, em cada entrevistado, a saudade de um diplomata que exerce, ainda hoje, influência muito forte no MRE, embora poucos a percebam.

“O Paulo Nogueira Batista foi um diplomata com uma característica muito rara entre os diplomatas. Há aqueles que exercem uma grande influência sobre um assunto, outros que o fazem sobre a relação entre dois países ou duas regiões. Mas ele teve influência sobre a situação interna do Brasil, por ter conseguido alterar paradigmas”. Antonio Simões, Embaixador.

Entre esses paradigmas estão o desenvolvimento de energia nuclear para fins pacíficos no Brasil e a contribuição para a consciência ambiental no País. PNB foi o primeiro presidente das Empresas Nucleares Brasileiras (Nuclebrás), de 1975 a 1983, em uma época em que a defesa do desenvolvimento de energia nuclear era polêmica. A partir de sua atuação como Representante Permanente do Brasil na ONU, a reforma do Conselho de Segurança inscreveu-se definitivamente na agenda diplomática brasileira. Foi um dos principais responsáveis por ter-se realizado no Brasil a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92. Negociador nas rodadas do GATT, chegou a ser classificado pelo noticiário internacional como “o grande inimigo da Rodada Uruguai”, juntamente com o colega Índiano Shirirang Shukla. Neste contexto, ajudou a aproximar Brasil e Índia na parceria entre grandes países em desenvolvimento. No governo Itamar Franco, foi um dos idealizadores do atual projeto de integração da América do Sul, mesmo com críticas ferrenhas a aspectos do Mercosul.

PNB faleceu aos 64 anos, em São Paulo, em 31 de julho de 1994. Não viveria para ver, por exemplo, a formação do G-20, durante a Ministerial de Cancún, que representou um marco da influência dos países em desenvolvimento sobre os rumos das negociações comerciais agrícolas na OMC. No dia exato em que este artigo foi entregue aos editores da **JUCA**, PNB completaria 81 anos. Era casado, desde 1954, com Dona Elmira, com quem teve quatro filhos - Paulo, João, Olavo e Isabel. Dona Elmira recebeu a **JUCA** em sua casa, em São Paulo, para falar não do Embaixador, mas de seu marido Paulo (*leia entrevista na página 11*).

“É a vocação que o impele a entrar para a carreira. Com o tempo isso se confirmou plenamente. Não conheci outro, em nossa geração, que tivesse tanta vocação para a diplomacia como Paulo Nogueira Batista”. Com essas palavras, o Embaixador foi homenageado pelo colega de turma, Embaixador Ítalo Zappa, durante reunião do Instituto de Estudos Avançados da USP em homenagem a PNB, em 1995<sup>1</sup>. Foram grandes amigos, colegas de uma das primeiras turmas do Instituto Rio Branco, em 1951, quando o Itamaraty ainda realizava concursos somente no Rio de Janeiro.

PNB nasceu no Recife, em 4 de outubro de 1929. Já no Rio de Janeiro, não disfarçava sua origem, sempre acompanhado do sotaque pernambucano. A turma tinha apenas onze alunos, a maioria formada de candidatos do Rio de Janeiro.

“(…) O que primeiro me chamou a atenção na sua personalidade, era o que diziam dele: vinha de uma família abastada. Mas, em consequência do falecimento de seu pai, quando o conheci, as condições eram muito modestas, como aliás era a da maioria da turma. Aquele paletó xadrezinho que combinava com tudo, uma ou duas calças inteligentemente usadas para dar a impressão de um grande guarda-roupa. Diziam mesmo que com 18 ou 19 anos ele tinha um “Jaguar”, também nunca pedi a ele que me confirmasse isso. Ora, um “Jaguar” era algo incalculável. É como hoje um jovem de 19 anos ter um iate. Me lembro, certa vez, de um colega criticar-me por minha associação com Paulo Nogueira por ser um homem de elite. Você é que tem mérito, dizia ele. Eu falava que ele estava inteiramente enganado. Quem tem mérito é o Paulo Nogueira porque já foi abastado, teve tudo, perdeu e recuperou com vantagem”<sup>2</sup>.

Na formatura do Instituto Rio Branco, a turma teve como paraninfo Raul Fernandes, chanceler de 1946 a 1951.

“Paulo Nogueira Batista era político dos pés à cabeça. Um ser que não podia viver sem elaborações políticas. Ele a fazia todos os dias e era marcado pelo conflito com as pessoas. Um homem que tinha inimigos unilaterais. Alguns o consideravam inimigo, mas ele não se considerava inimigo de ninguém. Agora, os contrariados, os que não queriam debater, os que não aceitavam argumentos, esses se tornavam inimigos a tal ponto que tive de adverti-lo: Paulo, você vai acabar ficando com um único interlocutor na turma. Eu!”, recordou o Embaixador Ítalo Zappa.

PNB ingressou na carreira diplomática no início do segundo Governo Vargas, em uma época em que o Brasil tinha horizontes diplomáticos que se limitavam às relações com EUA, Europa e América Latina. Paulo Nogueira e Ítalo Zappa costumavam então dizer que trabalhavam no “Ministério das Não-Relações Exteriores”. Somente anos depois, já no Governo Geisel, foi que PNB, então chefe do Departamento Econômico, e Zappa, chefe do Departamento da Ásia e África, seriam os responsáveis por receber a delegação chinesa em preparação para o estabelecimento das relações diplomáticas com a China. O chanceler Azeredo da Silveira implementava, na década de 1970, as diretrizes de política externa do chamado “Pragmatismo Responsável e Ecumênico”. Como símbolo dos esforços do governo brasileiro para buscar novas fontes energéticas, em decorrência da primeira crise do petróleo, o próprio Presidente Geisel convocou PNB para uma missão que o afastaria temporariamente da carreira.

## O Programa Nuclear Brasileiro

PNB tornou-se, assim, o primeiro presidente da Nuclebrás, de 1975 a 1983, após negociar o Acordo Nuclear entre Brasil e Alemanha de 1975. Este previa a instalação no Brasil, até 1990, de oito usinas nucleares de 1.300 MW. A defesa da energia nuclear para fins pacíficos gerou muita polêmica. Além das preocupações ambientais associadas ao risco de acidente nas usinas e ao lixo atômico, havia uma expectativa, por parte da sociedade brasileira, de alinhamento com os EUA. Essa expectativa acabou não sendo atendida: o Brasil recusou aderir ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), por considerá-lo “injusto e discriminatório”, e optou pela celebração do acordo nuclear com a Alemanha.

*“É o momento de o país ter plena consciência, não apenas das potencialidades, mas dos seus deveres. Nós não somos um pequeno país. Estamos condenados a enfrentar esse problema de um projeto próprio, de construir a nossa própria casa. Não podemos ser vagão de nenhuma locomotiva, temos que ter a nossa locomotiva”. Paulo Nogueira Batista.*

PNB acabou sendo vencido pelas restrições orçamentárias do governo. A situação de crise econômica em 1983, durante o Governo Figueiredo, levou ao corte de gastos públicos e ao congelamento das obras das oito usinas inicialmente previstas. Conseguiu, contudo, que o Brasil se consolidasse como um país na vanguarda do desenvolvimento de energia nuclear e do enriquecimento de urânio. Em 1983, foi substituído na presidência da Nuclebrás por Dário Gomes.

“Encerro, pois, minha tarefa à frente da Nuclebrás sem qualquer sentimento de frustração. A realização de grandes objetivos enfrenta neces-

sariamente grandes obstáculos. Não escondo meu orgulho de desejar um Brasil grande e de acreditar na possibilidade de sua construção – de ver no programa nuclear um dos instrumentos do engrandecimento e da prosperidade nacionais; o que sinceramente deploro é a timidez dos que se deixam atemorizar por dificuldades, sobretudo conjunturais, a incompreensão dos que se deixam dominar pelas aflições de curto prazo, o negativismo dos que criticam porque muitas vezes não sabem ou temem construir”, escreveu no discurso de transmissão do cargo de Presidente da Nuclebrás, em 28 de janeiro de 1983.<sup>3</sup>

## Às vésperas da Rodada Uruguaia

Na retomada de suas atividades no Itamaraty, PNB tornou-se Embaixador na Missão Permanente do Brasil em Genebra, às vésperas da Rodada Uruguaia de negociações comerciais do GATT. O tempo em Genebra representou um verdadeiro laboratório para a lapidação da faceta mais notável na atuação diplomática de PNB: a negociação em foros multilaterais. “Dava orgulho sentar na bancada do Brasil com um Embaixador que fazia tremer o Conselho do GATT ao esgrimir, com tanta competência, argumentos bem construídos em favor dos interesses brasileiros”, comentou o Embaixador Hadil da Rocha Vianna, Diretor do Departamento de Temas Científicos e Tecnológicos. Em artigo de 1996 para o Correio Braziliense, o Ministro Paulo Roberto França, que também trabalhou em Genebra entre os anos de 1984 e 1987, escreveu: “Havia entre os chefes de missão a clara consciência de que o Paulo Nogueira Batista era um aliado poderosíssimo e um adversário insuperável. Sem ele, a engenharia diplomática mais elaborada poderia ruir”.

*“Paulo Nogueira tinha a extraordinária qualidade de não acreditar que qualquer indivíduo*

<sup>1</sup> O depoimento do Embaixador Ítalo Zappa, falecido em 1997, consta em “Reflexões de Paulo Nogueira Batista. Uma Homenagem”, em BATISTA Jr., Paulo Nogueira (org.). Paulo Nogueira Batista: Pensando o Brasil. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

<sup>2</sup> Idem

<sup>3</sup> CPDOC, Arquivo Pessoal de PNB. PNBpn n 1983.01.28

*de outra nacionalidade pudesse saber mais sobre o Brasil do que nós brasileiros". Embaixador Celso Amorim, em mensagem lida no Instituto de Estudos Avançados da USP, 1995.*

PNB não se intimidava na frente dos representantes dos principais players nas negociações no âmbito do GATT nos anos 80. Lutava, por todos os meios, para conseguir para o Brasil "uma porção da pizza do comércio mundial que não se limitasse a um tomate", conforme avaliação do Embaixador Hadil da Rocha Vianna. Dessa maneira, PNB tentou garantir que o mandato da Rodada Uruguai não gerasse limitações à participação brasileira no processo das negociações comerciais multilaterais, e que não fossem incluídos temas potencialmente prejudiciais ao processo de desenvolvimento então em curso no Brasil. Uma de suas estratégias nesse sentido era tentar separar a negociação de serviços e de propriedade intelectual da negociação de bens.

*"Qualquer que seja o enfoque, é essencial não perder de vista que a liberalização do mercado nacional para produtos estrangeiros não pode se processar de forma unilateral; pelo contrá-*

*rio, deve ser conduzida pela via da negociação, de modo a buscar assegurar, pela reciprocidade, garantia para nossas mercadorias de acesso desimpedido aos mercados externos em troca de abertura de nosso próprio mercado". Paulo Nogueira Batista.*

Às vésperas da nova rodada do GATT, PNB dizia com todas as letras que a Rodada Uruguai não tinha interesse para o Brasil, pelas dificuldades que seus resultados poderiam gerar para os países em desenvolvimento, a exemplo das imperfeições das regras sobre propriedade intelectual e, no âmbito das negociações agrícolas, da manutenção de subsídios distorcivos ao comércio internacional. "Foi um dos grandes chefes dessa Casa, uma figura memorável e um homem muito corajoso, com coragem de enfrentar o poder", assegurou o Ministro França. Exemplo disso foi um episódio em que o Chanceler Olavo Setúbal (1985-1986) fez críticas à conduta de PNB no processo de lançamento da Rodada Uruguai, às quais respondeu afirmando que defendia aquela estratégia porque atendia aos interesses do Brasil.

## TRUQUES DE NEGOCIADOR

**"Nunca facilite a vida do outro negociador. Deve-se dificultar ao máximo, de modo que, ao final da negociação, quando aceito o que eu já queria mesmo aceitar desde o início, a outra parte fica até grata".**

**"Nunca tire de ninguém o ônus de ter de dizer não. Ele dirá não uma, duas vezes, até ficar constrangido e acabar cedendo".**

## Memórias e anedotas do GATT

### Tamancos pela Pátria

Em 1984, o Ministro Paulo França era Terceiro Secretário e acabara de ser removido a Genebra. A postura brasileira no setor de informática era então questionada pelos países desenvolvidos, pelo fato de o Brasil ter implantado reserva de mercado para os produtores nacionais, elemento estratégico para o desenvolvimento da indústria nascente. As críticas partiam dos EUA e dos países europeus, com destaque para um país escandinavo. Já cansado daquilo, sobretudo pela forma como as críticas eram feitas, o Embaixador PNB convocou o secretário Paulo França para uma tarefa: "Se não me falha a memória, esse país já invocou essa cláusula para fazer reserva de mercado para tamancos". Desejava fazer um dossiê sobre o tema. Paulo França passou dias no GATT pesquisando nos arquivos, até que encontrou documentos que corroboravam as suspeitas do chefe.

No dia da reunião, todos os assistentes o acompanharam. O tema entrou na pauta e o delegado escandinavo falou, como sempre fazia, de uma forma contundente, e bastou terminar para que PNB pedisse a palavra. "Ele tinha uma qualidade rara entre os colegas que trabalhavam com diplomacia parlamentar. Não só falava muito bem, como tinha também perfeito controle sobre o *timing*. Conseguia elevar e diminuir o tom de voz conforme a circunstância – fazendo pausas estratégicas que aumentavam a expectativa do interlocutor até chegar ao momento do clímax". Começou então a falar da política brasileira para o setor de informática e de suas implicações para o desenvolvimento. E quando menos esperavam: "Me causa espécie o colega criticar a política de reserva de mercado do Brasil em um setor estratégico para o desenvolvimento, tendo o seu país histórico de invocação da segurança nacional para uma reserva de mercado para tamancos!" A palavra "tamancos" foi seguida de um grande silêncio, motivado pela pausa estratégica do Embaixador brasileiro. "E eu me pergunto: será que os soldados do seu país utilizam os tamancos nas suas forças armadas? Seus soldados calçam tamancos para defender a pátria?" A gargalhada foi geral, e o Conselho do GATT veio abaixo. O próprio delegado americano ria tanto que acabou por cair da cadeira. PNB desqualificou o argumento do outro delegado a ponto de fazê-lo nunca mais criticar a Lei de Informática brasileira. "Foi memorável", recorda o Ministro Paulo França, que relatou o caso pela primeira vez em 1996, em artigo intitulado "Um defensor dos interesses nacionais" para o jornal Correio Braziliense.

### Sintonia fina

Conforme relatou a Ministra Maria Clara, atual chefe da Divisão de Ásia Meridional, a capacidade de PNB para buscar apoios ficava evidente em seu trânsito fácil entre o Embaixador Índiano Shirirang Shukla e o representante da então Iugoslávia. Em 1986, durante a Reunião Ministerial de Punta del Este, que lançou a Rodada Uruguai, o Brasil fez articulação com muitos países em desenvolvimento, em busca de um texto para a Declaração Ministerial. Houve determinada reunião em que os três delegados conversavam com vários membros da Delegação brasileira presentes. Num dado momento, o Embaixador Shukla disse: "Ah, mas então..." A frase nem foi terminada, mas PNB completou: "Sim, claro!", e o Representante iugoslavo respondeu: "O Embaixador Paulo Nogueira está certo". A fina sintonia demonstrava o alto grau de articulação obtido entre os países em desenvolvimento.

### Acabando com a festa

Ao término de sua missão em Genebra, em 1988, o então Secretário Hadil da Rocha Vianna passou por Nova York e hospedou-se na residência brasileira com o Embaixador PNB. Este chegou a confidenciar ao jovem colega que preferia Genebra, por ser um ambiente mais instigante, referindo-se às negociações no GATT. Em Nova York, sentia-se de certa forma engessado pela própria dinâmica das Nações Unidas e pela inércia com a qual alguns temas eram tratados.

Após o jantar, foram para a biblioteca, para conversar. E num momento de relaxamento, em que sempre fumava seu charuto, PNB lembrou-se dos tempos em Genebra: "Hadil, vou te dizer uma coisa. Quando você quiser muito ir a uma festa e não for convidado, é melhor acabar com a festa". Esse comentário traduz muito bem o que PNB praticamente fez na Rodada Uruguai – não que ele quisesse acabar com as negociações, mas sim deixar bem claro que, se o Brasil e outros *players* importantes no cenário do comércio internacional (principalmente outros países em desenvolvimento) não fossem participar, seria melhor que não houvesse Rodada.

### “Autonomia pela participação”: a volta do Brasil ao Conselho de Segurança

Em 1987, PNB assumiu novas funções, agora em Nova York, como Chefe da Missão do Brasil na ONU. Liderou a delegação brasileira até 1990, tendo presidido o Conselho de Segurança (CSNU) em 1988 e 1989. Os principais temas de trabalho a serem tratados pelo Embaixador seriam as tensões no Oriente Médio e a crítica ao regime do *apartheid* na África do Sul. O Brasil, candidato a um assento no CSNU, voltava ao Órgão após 20 anos de afastamento, pondo fim ao período denominado pelo Embaixador Gelson Fonseca Júnior como “autonomia pela distância”. PNB contribuiu, dessa forma, para colocar a reforma do CSNU como algo constante em nossa agenda diplomática, ao inserir, no discurso do Presidente Sarney, em 1989, a ideia de que o Brasil deveria ter um assento permanente no Órgão.

PNB chegara a Nova York na véspera do início das reuniões da Assembleia Geral (AGNU) e em meio a três candidaturas simultâneas para órgãos da ONU. Além do Conselho de Segurança, o Brasil apresentara candidaturas para a Corte Internacional de Justiça (CIJ) e para o Conselho Econômico e Social (ECOSOC). Na CIJ, o Embaixador Sette Câmara, com quem PNB já havia trabalhado em duas ocasiões no Brasil, concorria à reeleição, contra um candidato guianense, Mohamed Shahabuddeen (juiz da CIJ em 1988-1997). O Brasil alcançou a maioria de 2/3 somente no CSNU, onde ficaria por dois mandatos consecutivos. Com a derrota iminente, coube a PNB retirar as candidaturas brasileiras tanto à CIJ como ao ECOSOC.

A Secretaria de Estado pediu análise sobre as razões da derrota e exigiu resposta em 24 horas, conforme lembrou o Ministro Carlos Duarte, então assistente do Embaixador PNB. Em sua versão do episódio, enviada à Secretaria de Estado,

atribuiu o insucesso nas candidaturas a dois fatores decisivos: havia muitas candidaturas brasileiras a serem votadas em uma mesma AGNU; e faltava apoio do próprio grupo latino-americano às candidaturas brasileiras. Esses fatores em conjunto teriam levado à emergência de um ‘ressentimento’ de alguns países africanos quanto à falta de cooperação brasileira, o que teria constituído um dos elementos do malogro de nossas candidaturas. Caso reeleito simultaneamente no ECOSOC e na CIJ, o Brasil viria a deter por 21 anos ininterruptos um mandato no ECOSOC e 18 anos um mandato na Corte.

Nas eleições seguintes para o ECOSOC, PNB sustentaria a candidatura do Brasil. E, dessa vez, o país foi eleito logo na primeira rodada.

O tema da criação de um Estado Palestino também era constantemente discutido no CSNU. Em 1974, a AGNU havia convidado a Organização para Libertação da Palestina (OLP) a participar de seus procedimentos com status de observador, como representante do povo palestino. Posteriormente, esse status foi estendido para cobrir a participação em todo o sistema ONU. Na resolução 43/177, de 15 de dezembro de 1988, a AGNU reconheceu a proclamação do Estado da Palestina feita pelo Conselho Nacional Palestino. Reafirmou a necessidade de permitir ao povo palestino o exercício da soberania sobre os territórios ocupados desde 1967. Como os EUA recusaram o visto americano a Yasser Arafat, foi necessária uma resolução transferindo a reunião da AGNU para Genebra, para onde viajaram PNB e um de seus assistentes, o então secretário Anuar Nahes, atual Embaixador do Brasil em Doha, também entrevistado pela **JUCA**.

O Embaixador Nahes mencionou a mediação do Brasil por ocasião da derrubada de um avião de passageiros iraniano pela Marinha americana, em 1988, durante a Guerra Irã-Iraque.

# Entrevista

## Dona Elmira Nogueira Batista

“Venha ver este piano. Foi escolhido pelo Tom Jobim”. Dona Elmira [a quem PNB sempre chamava de Nenem] recebeu a JUCA em seu apartamento em Higienópolis, durante uma tarde de chuva em São Paulo. Peço logo para tirar uma foto dela ao lado do piano, mas o excesso de luz vindo das enormes janelas de vidro prejudica o resultado. “Não se preocupe, aqui você já vê muitas fotos do Paulo”. Pergunto sobre a história do piano. “O Tom era casado com a

sobrinha do Paulo, a Ana Lontra. Você conhece? Tom e Paulo tornaram-se grandes amigos. Em Nova York, era comum o Tom ir para a Embaixada, para ficarem discutindo versos e o português que ia ser usado em alguma música. Como não havia piano para que o Tom tocasse, decidimos comprar este aqui, escolhido por ele. Eram muito próximos. Logo quando o Paulo morreu, o Tom me ligou e disse que ainda tinha muita coisa para conversar com o amigo. E seis meses depois, foi ele quem morreu. Essa amizade com o Tom mostra muito uma característica importante do Paulo. Ele tinha uma ‘round personality’, pois era uma pessoa que se interessava por

tudo. Existem essas pessoas fixas, que só falam de um assunto. Já o Paulo era capaz de conversar com qualquer pessoa, e se adaptava aos assuntos do outro. Não ficava impondo os assuntos dele – adorava arte, e lia muito. Isso ajuda a família do diplomata, que não tem de aguentar aquela pessoa chata, que só sabe falar da carreira”.

Dona Elmira me leva ao escritório. Uma estante ocupa toda a parede. Dispostas em frente aos livros, fotos de toda a vida do Embaixador. “Eu quis conversar com você aqui porque este era o escritório do Paulo. Há uma diferença em relação ao tempo dele, pois ele não admitia nada além de livros nessa estante. Com o tempo, eu fui colocando todas as fotografias da carreira e da nossa família”.



### Como foi a mudança para esta casa em São Paulo?

Nos mudamos em 1990, quando voltamos de Nova York. O Paulo dizia pra eu me preparar, pois deixaríamos Nova York se o Collor ganhasse as eleições. Ele até visitou a Missão, já como Presidente-eleito, e o Paulo sentiu que aquilo não daria certo. Tinha certeza de que Collor reverteria todo o trabalho que ele havia feito na ONU. 'Não quero posto nenhum, quero voltar ao Brasil', dizia ele. O Ministro [Francisco] Rezek chegou a oferecer três postos, todos recusados. Então o Marcos Azambuja, Secretário-Geral na época, ligou e disse que, daquele jeito, a única solução seria voltar ao Brasil. E assim, o Paulo aceitou o que realmente queria, ser removido para São Paulo. Naquele meio tempo, havia feito grande contato com professores da USP, que o convidaram a ser professor. O Governador Fleury [Luiz Antônio Fleury Filho (1991-1994)] também fez um convite pra criar o Comitê de Relações Empresariais de São Paulo. E além de tudo, nossos filhos estavam morando no Brasil. Seria bom voltar. Pois então, nem se passaram três anos, e, um dia, o Paulo chegou em casa, dizendo que o Presidente Itamar Franco insistia para ele voltar ao Itamaraty, porque precisava dele no MERCOSUL. Nessa época, eu e os nossos filhos fomos contra, porque ele já estava com a vida estabelecida em São Paulo, e sabíamos que iria apenas se aborrecer. Dizíamos que ele tentaria fazer no MERCOSUL o que os outros não queriam. Ele largou tudo e foi para Montevidéu, trabalhar com a ALADI. Não deu outra, aquilo durou um ano. Ele se aborreceu tanto que teve um enfarte fulminante, aos 64 anos. Eu me lembro que nós estávamos de férias neste apartamento, e voltaríamos para Montevidéu no dia seguinte. Ele havia voltado de Brasília muito acabrunhado.

### Como a senhora conheceu o Embaixador Paulo Nogueira Batista?

Conheci o Paulo na nossa adolescência. Tínhamos apenas um ano de diferença em idade, e nessa época, 15 ou 16 anos, ele era colega de meu irmão mais velho no Colégio Mello e Souza, no Rio. Eu era muito "caxias", estudava em colégio de freiras, e os dois eram bem vagabundos e peraltas nessa ocasião. João, meu irmão, veio com uma conversa mole de que tinha um colega que passava por muitas dificuldades com a perda da mãe e que por isso não passara de ano. Perguntou se eu não poderia emprestar meus cadernos para ele. Fiquei furiosa, acabei emprestando, e nunca mais vi os cadernos. Paulo acabou mudando de colégio. Passaram-se alguns anos, eu já com 18 anos, ofereci em nossa casa de Petrópolis uma festa de S. João. Outra vez meu irmão veio com uma conversa de que convidara a moça mais bonita do Rio [era Lúcia, irmã do Paulo] que viria com os irmãos. E assim foi, chegou o Paulo, que passou a noite inteira atrás de mim e eu o achei um garoto ridículo. Paulo dizia que isso era invenção minha, e ria muito dessa história.

Passaram-se mais alguns anos, eu já com 20 anos, fazia festinhas em minha casa quase todos os sábados. Numa dessas festas o Affonsinho [Emb. Affonso Arinos de Mello Franco] entrou em minha casa com um rapaz que acabara de fazer o Concurso para o Rio Branco, passara em segundo lugar e era um gênio. Era o Paulo. O Affonsinho até veio com uma história de que o amigo passava o dia inteiro dentro do quarto, com os livros. Dessa vez fiquei atraída por ele, dançamos a noite inteira e assim começou uma longa história de amor!

### O que o motivou na escolha da carreira diplomática, e quais eram suas maiores expectativas?

Paulo veio com a família para o Rio por negócios de seu pai e eles nunca mais voltaram para o Recife. Não sei bem que idade teria, de 10 a 12 anos. O que o motivou na escolha da carreira não sei bem. Ele dizia brincando que teria sido falta de opção. Não sei não, nunca vi uma pessoa tão apaixonada pela carreira como ele e o quanto se dedicou a ela. Lembro-me que seu primeiro trabalho foi na Divisão de Material, onde teve a chance de ter como chefe ninguém menos que Guimarães Rosa. Nessa época já era "O Guimarães Rosa". Foi um tempo de encantamento que selou uma amizade! No dia da posse na Academia Brasileira de Letras, Guimarães deu de presente ao Paulo a folha do discurso de agradecimento, com uma dedicatória para ele. O interessante é que ninguém queria trabalhar na Divisão de Material, pois não era um setor de muito prestígio. O Paulo tinha sido o segundo lugar no concurso, mas durante o Rio Branco não se interessou muito e acabou ficando entre os últimos colocados. Mas vendo que o Guimarães Rosa estava na Divisão de Material, decidiu ir para lá. Divertiram-se à beça juntos, e se tornaram amigos.

### Como foi a experiência no Rio Branco? E o início da carreira no Itamaraty?

Sempre foi positivo em relação ao curso, mas impaciente para começar a trabalhar. Ficou sempre muito ligado ao Ítalo Zappa, seu colega de turma. Nós até somos padrinhos da filha do Zappa. Expectativas em relação à carreira ele tinha muitas, mas sempre uma ansiedade por trabalhar na Chancelaria. Muitas vezes passamos só um ano em postos. Eu me lembro que ele já era diplomata e se usava muito, nessa época, o correio diplomático. Em 1953, o Paulo fez a primeira viagem dele pelo Itamaraty, como correio diplomático para o Chile, onde estava o Embaixador Cyro de Freitas-Valle, que era uma figura até temida entre os jovens diplomatas. O Paulo, então Terceiro Secretário, viajou morrendo de medo, e ao chegar, foi jantar na Embaixada. O Embaixador perguntou:

- O que você toma, meu filho?
- Qualquer coisa, Embaixador.
- Qualquer coisa eu não tenho.

Aí você percebe que a mesma situação que vários secretários passaram na mão do Paulo já havia acontecido com ele.

### E o período no exterior?

Nunca tivemos problemas com a carreira no exterior. Em 1963, o Paulo foi removido para Nova York e eu fiquei no Rio, pois a Isabel estava para nascer. Ele mandava cartas e telefonava dizendo que estava olhando casas nos Hamptons e nos arredores da cidade. Eu cheguei a dizer a ele pra parar com aquilo, pois eu queria morar no centro de Nova York. Nos Hamptons, eu iria acabar virando parceira daquelas americanas com rolos na cabeça, eu disse a ele. Então ele desistiu. Eu sempre escolhi as nossas casas.

As crianças sempre aproveitaram muito o tempo no exterior. No tempo em que ele foi Ministro-Conselheiro em Bonn [1969-1971], eu matriculei o Paulinho na escola pública e, em dois meses, já estava falando

alemão fluentemente. Os meninos tinham quase a mesma idade e se apoiavam muito. Aliás, o Paulo teve uma influência enorme sobre a formação de todas as pessoas da família. Tanto que, um dia desses, eu fiz aniversário e um dos netos, o Paulo [que tinha apenas 10 anos quando o avô morreu], fez um discurso em homenagem a ele, em que dizia que havia sido a pessoa que mais o havia influenciado na vida.

### Ele tinha uma boa relação com os jovens diplomatas?

O Paulo adorava os jovens, tanto que muitos desses atuais Embaixadores, que na época de secretários trabalharam com ele, se tornaram seus amigos. Houve um período, na ONU, em que o então Ministro-Conselheiro Flávio Miragaia passou uma ordem para os jovens diplomatas, dizendo que o Paulo não gostava que ninguém o incomodasse no gabinete dele. Passou um tempo, e o Paulo começou a achar estranho ninguém ir ao gabinete, e começou então a ir à sala dos secretários. Quando ele soube dessa história, fez uma reunião com todos os funcionários da Missão, dizendo que a porta dele estaria sempre aberta para conversarem. Na verdade, tinha um contato muito bom com os colegas jovens. Era duro, sim, com os estrangeiros que se opunham à posição do Brasil.

### O Golpe de 1964 influenciou o trabalho dele na Missão em Nova York?

Estávamos em Nova York no começo de 1964, e encontramos desde o início o campo muito dividido. O Paulo ficou muito amigo do Houaiss, que já era Ministro nessa época. A delegação do Brasil ficou sob a mira da ditadura, e quem salvou o Itamaraty foi o Vasco Leitão da Cunha, que assumiu a chancelaria. A primeira pessoa removida foi o Houaiss, que voltou ao Brasil e logo depois foi cassado. O Vasco ainda tentou remover o Embaixador Carlos Bernardes para o Japão, mas o receberam com uma faixa: Fora daqui, comunista! Então, o Bernardes, que mal chegou ao Japão e foi praticamente expulso, acabou sendo convidado a ser funcionário da ONU. O Ítalo Zappa, muito amigo do Paulo, até avisou que nós só poderíamos ser removidos para o Canadá, e ele adorou. Consultaram o Embaixador Sérgio Corrêa da Costa, então Embaixador em Ottawa, que enviou um telegrama ao Itamaraty dizendo que seria uma honra receber o Paulo. Em Ottawa ele até fez um Mestrado em Ciência Política, na Carleton University.

### Ele passou muito tempo fora da carreira, por causa da Nuclebrás...

Sim, passou dez anos fora do Itamaraty. Toda essa história de Nuclebrás começou quando ele foi Chefe do Departamento Econômico [1973-1974], chamado pelo Chanceler Gibson Barboza. Lá, ele se envolveu muito com os assuntos de energia nuclear. Depois veio o Presidente Geisel, Azere-do da Silveira assumiu a chancelaria, e Paulo saiu, a convite do Presidente. O Silveirinha não ficou nada satisfeito com a saída dele. Havíamos voltado de Genebra [PNB foi Ministro-Conselheiro em Genebra de 1971 a 1973] e

morávamos agora no Rio de Janeiro. O Paulo tinha um enorme amor pelo Brasil, por isso nunca perdia uma oportunidade de voltar. Nesses dez anos, chegou a se aborrecer com o Presidente Figueiredo, por causa dos assuntos da Nuclebrás. Paulo era um idealista, e foi atacadíssimo.

### Depois de 1994, a senhora foi Chefe do Cerimonial da Prefeitura de São Paulo. A experiência como Embaixatriz ajudou?

Eu tinha ficado viúva em São Paulo, fui trabalhar um tempo com a Milu Vilela [Diretora do Museu de Arte Moderna de São Paulo], e comecei a me envolver muito com arte. Quando a Marta [Suplicy] se elegeu prefeita, me ligou e aproveitei para felicitá-la. "Mas eu não estou te ligando para você me felicitar, e sim para convidá-la a ser minha Chefe de Cerimonial. O Paulinho, seu filho, já me disse que você tirará isso de letra". Foi uma gran-

de experiência, e trabalhei tanto que até tive um problema na coluna quando tudo terminou. Mas você perguntou da experiência como Embaixatriz. A mulher do Embaixador, na minha época, era quem dava o tom da Embaixada. Em Nova York, eu colocava na Embaixada toda a sociedade americana de peso. E isso acaba sendo muito importante para a representação do Brasil. Para mim tudo isso era muito natural, pois desde criança me acostumei a ver meus pais recebendo em nossa casa. Meu avô [João Pinheiro] havia sido Governador de Minas, eu era sobrinha do Israel Pinheiro, e era uma família muito tradicional na política mineira. Agora a carreira mudou muito, a própria figura da embaixatriz foi

muito substituída pela figura da Embaixadora.

### A senhora viu o desenvolvimento da carreira de muita gente no Itamaraty, a começar pelo Embaixador Paulo Nogueira. Teria algum conselho para quem está iniciando a carreira diplomática?

O mais importante é que o diplomata não pode esquecer o seu próprio país. Deve ter a ideia de que é um representante do Brasil onde quer que esteja, e defendê-lo com unhas e dentes. Esse foi o exemplo que o Paulo deixou, de nunca ter medo de defender o Brasil. Eu acho que vocês, que são jovens diplomatas, não têm de se preocupar em ir para esses postos do "Círculo Elizabeth Arden". O Paulo, quando queria ser removido de Nova York, por conta do Collor, sempre se perguntava por que não lhe ofereciam um posto na Índia. Ele tinha verdadeira adoração por aquele país, e acabou ficando muito ligado aos Índios. Não falou nada, na época, somente para poder voltar ao Brasil. O Patriota [Emb. Antonio Patriota] trabalhou com o Paulo em Genebra, e um dia ligou pra ele para pedir um conselho. Haviam-lhe oferecido duas opções de remoção, uma delas na China. "Mas é claro que você deve escolher a China! É o país do futuro!" Ele ficou muito amigo do Patriota.

O Brasil exercia, então, a presidência do CSNU, e as negociações duraram quase um mês. PNB negociou com todas as partes e o processo de mediação teve êxito. Isso não foi importante apenas para evitar um conflito maior entre EUA e Irã. Aquele foi o momento em que os presidentes iraniano e iraquiano manifestaram publicamente que concordavam em colocar naquela resolução do Conselho a possibilidade de negociação para resolver a guerra. Isso posteriormente culminou em uma resolução para o fim da Guerra Irã-Iraque.

Em seu último ano em Nova York, quando exerceu o cargo de Vice-Presidente do Comitê Preparatório da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), PNB contribuiu para trazer para o Brasil a Conferência, que ficou conhecida como Rio-92. Havia receio, e essa era a visão predominante, de que o Brasil seria criminalizado na Conferência. Para PNB, era necessário que a CNUMAD fosse realizada pelo Brasil, para que não se tornasse uma conferência contra o Brasil. A Rio-92 tornou-se um marco da questão ambiental internacional e gerou ambiente propício para o desenvolvimento de uma consciência ambiental no Brasil.

Lembra Everton Vargas, Embaixador do Brasil em Berlim: “estávamos na 43ª AGNU, em outubro de 88, numa reunião de coordenação de todos os diplomatas na Missão, às 9 da manhã, conhecida jocosamente como ‘Bom dia PNB’. Na tarde anterior, a colega do Canadá na Segunda Comissão (Assuntos Econômicos) me entregara a primeira versão de um anteprojeto de resolução com a ideia de se realizar a Conferência sobre meio ambiente vinte anos depois de Estocolmo. O texto, de iniciativa dos Nórdicos, Canadá e Holanda, fora apresentado no âmbito do item sobre o relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Aqueles países desejavam o co-patrocínio do Brasil. Informei o Embaixador e os colegas sobre o conte-

údo da proposta e PNB imediatamente fuzilou-me: ‘por que não fazemos essa Conferência no Brasil?’ Respondi-lhe ser uma ideia que deveria ser considerada, mas que tínhamos que preparar um telegrama a Brasília. Ele me instruiu a fazê-lo. O telegrama foi enviado; tempos depois veio uma instrução concordando com o oferecimento do Brasil como sede. O discurso de PNB caiu como uma bomba na segunda Comissão da Assembleia, em dezembro de 1988. A iniciativa de apresentar o Brasil fora mantida a sete chaves até o último momento. Os suecos estavam interessados em sediar, mas sofriam a concorrência canadense. Na 44ª AGNU, foi acolhida a oferta brasileira, como registrado na resolução 44/228.”

*“Temos responsabilidades que são intransferíveis. Nós as assumimos ou alguém as assume por nós. E um país, senhores, se faz de dentro para fora e não com sobras do desenvolvimento alheio”. Paulo Nogueira Batista.*

Esse desejo de ver o Brasil assumir responsabilidades pelo seu próprio desenvolvimento, evitando assim a imposição externa de políticas econômicas, levou PNB a tecer diversas críticas ao denominado Consenso de Washington, no qual percebia incompatibilidades com pressupostos do modelo de desenvolvimento do Brasil e da política externa que lhe dava apoio. Segundo ele, algumas políticas recomendadas pelo Consenso restringiam a reserva de mercado no setor de informática e impediam o pleno desenvolvimento tecnológico no setor nuclear.

*“O Consenso de Washington, além de contraditório com as práticas dos Estados Unidos e dos países desenvolvidos em geral, contém, como podemos apreciar, várias incoerências nos seus próprios termos. Revela-se em especial inadequado quando se tem em conta que sua avaliação e*



PNB apresenta suas credenciais de Representante Permanente do Brasil na ONU ao Secretário-Geral Pérez Cuellar, 1987.

*prescrições se aplicam de maneira uniforme a todos os países da região, independentemente das diferenças de tamanho, de estágio de desenvolvimento ou dos problemas que estejam concretamente enfrentando”. Paulo Nogueira Batista.*

Entre 1990 e 1992, afastou-se do Itamaraty e mudou-se para São Paulo, onde se tornou professor pesquisador no Instituto de Estudos Avançados da USP. Chegou a apoiar a candidatura presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva – dizia que havia “lulado”, conforme lembrou o Embaixador Nahes. O desacordo com políticas implementadas pelo Presidente Collor teria sido um dos motivos do afastamento de PNB do MRE. Nesse tempo, foi também Presidente do Comitê de Relações Empresariais do Governo de São Paulo e

Coordenador do Grupo Temático do Mercosul.

### A integração na América do Sul

Em 1993, no Governo Itamar Franco, o chanceler Celso Amorim convidou PNB para ser Embaixador do Brasil junto à Associação Latino-americana de Integração (ALADI), em Montevidéu, onde permaneceria até sua morte. Surgiu então a ideia de dar novo foco à América do Sul, como forma de mitigar os efeitos das iniciativas do México no âmbito do NAFTA.

*“Em 1994, Paulo Nogueira não conseguiu convencer o Presidente Itamar a cortar os privilégios do México na ALADI. PNB considerava que a conformação do NAFTA tornava incompatível a participação do México como sócio na ALADI. Era um chefe lúcido, exigente e duro. Com uma excepcional visão estratégica e uma*

*grande paixão pelo Brasil". Embaixador Paulo Cordeiro Pinto.*

O Mercosul tornava-se iniciativa de fortalecimento da posição negociadora da região frente aos outros blocos regionais. PNB questionava se era adequada aquela aliança com países que mantinham assimetria profunda com o Brasil. Preferia privilegiar a América do Sul como um todo, para um processo de integração que julgava mais consistente. Tinha reservas quanto ao avanço da área de livre comércio do bloco para uma união aduaneira. Segundo ele, "a transformação do Mercosul em União Aduaneira terá de ser feita, entretanto, de forma a não se criar um obstáculo à preservação dos níveis atuais de industrialização brasileira nem à sua necessária expansão futura, em termos não só quantitativos, mas também qualitativos. E desde que não implique cerceamento indevido da capacidade negociadora do Brasil". Nesse período surgiu a proposta brasileira de uma Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA).

### O talento negociador

Nos relatos dos colegas no Itamaraty, a coragem aparece como a característica mais marcante de PNB, que não tinha medo, por exemplo, de assumir posição de isolamento do Brasil nas negociações comerciais às vésperas da Rodada Uruguai. Tinha uma noção muito clara do papel do Brasil, e era quase obsessivo nos projetos que queria implementar, principalmente quanto ao seu aperfeiçoamento.

*"Profundamente trabalhador, PNB era capaz de fazer análises detalhadas e profundas em muito pouco tempo. No fim dos anos 80, já comprara um dos primeiros modelos de notebook, no qual trabalhou durante todo um fim de semana para uma palestra de 50 laudas para uma universidade de Nova York. Às vésperas da palestra, o disquete estragou e o Embaixador mostrou mais*

*uma vez sua obstinação: "Fazer o quê? Escrevo tudo novamente". Anuar Nahes, Embaixador do Brasil em Doha.*

Em 1984, PNB recebera em Genebra o então secretário Paulo Roberto França, que logo percebeu que o chefe não era uma pessoa fácil no primeiro contato. "O Embaixador era muito exigente com seus colaboradores. Isto poderia assustar os incautos num primeiro momento. Aos poucos, se verificava que ele era sobretudo exigente consigo mesmo. Era um homem que colocava à prova suas ideias." Não impunha o seu texto como a regra a ser seguida, e insistia para que apontassem os pontos fracos de cada argumento. Esse rigor no teste das próprias ideias o levava também a sempre questionar posições estabelecidas do governo. "Nada de automatismos", dizia ao Ministro Carlos Duarte, hoje diretor do Departamento de Organismos Internacionais, que trabalhou com PNB em 1987 e 1988, quando este chefiava a Missão do Brasil na ONU. Sua presença marcante e seus argumentos peremptórios chegavam a intimidar alguns. Nesse debate constante para fortalecer os próprios argumentos e, com isso, a posição negociadora do Brasil, PNB desenvolveu técnicas interessantes de negociação, que tentava ensinar aos jovens colegas (veja pág. 8).

Utilizava todos os artifícios numa negociação, desde um discurso muito bem concatenado, até técnicas de procedimento das mais simples. Em entrevista à **JUCA**, o Embaixador Hadil da Rocha Vianna recordou que, numa determinada negociação no GATT na qual o Brasil estava na defensiva, PNB usou como estratégia o ataque ao presidente da reunião. "Presidente, é sua a responsabilidade de encontrar uma solução para este impasse!" Pressionado, o presidente acabou por encontrar um desfecho favorável ao Brasil.

Ficava claro aos colegas que PNB não fazia

qualquer questão de ser o que as pessoas esperavam que ele fosse. E a grande confiança em si refletia-se em uma genuína confiança no Brasil, mesmo em uma época de grande instabilidade econômica, no final dos anos 1980.

*"Esse receio da região de se ver relegada à periferia se exprime, no mais das vezes, curiosamente, num inadequado tom de queixume e de passividade característico de países subdesenvolvidos que não sabem ou não conseguem se colocar como atores no cenário internacional". Paulo Nogueira Batista .*

Lembra o Ministro Carlos Duarte que Celso Furtado costumava afirmar que o país havia levado uma "paulada na cabeça", haja vista a descrença que tomava conta do Brasil. "Tratava-se de um país muito diferente do Brasil de hoje, que é cortejado pela comunidade internacional. O Brasil não surfava, àquela época, a atual onda positiva, e mesmo assim, PNB não deixava que o País saísse do mapa das negociações", completou o Embaixador Hadil da Rocha Vianna, que trabalhou com PNB em duas ocasiões: em 1985, na Delegação do Brasil em Genebra; e em 1993, na Delegação Permanente junto à ALADI. Ele recorda que, durante negociações difíceis em algum comitê do GATT, comentava com o colega de posto, Antonio Patriota: "Vamos ter de dar uma de Paulo Nogueira Batista".

### Uma verdadeira round personality

Além de seu papel na negociação de temas de grande relevância na história diplomática do Brasil, PNB tinha um lado familiar marcante. A convivência dos jovens diplomatas com Dona Elmira, nas Embaixadas e em recepções oferecidas em sua casa, é um fato mencionado por alguns dos entrevistados como algo que facilitava o primeiro contato com o chefe, passadas as primeiras

impressões. Sua capacidade de costura política complementava a habilidade diplomática do Embaixador. Foram casados durante 40 anos, comemorados em 1994, quando ele a homenageou com uma Carta aberta, em que dizia:

*"Este é, sem nenhuma dúvida, um momento de grande alegria, de profunda e gostosa recordação de uma longa vida em comum. Mas também de inevitável melancolia. Aqui estamos para celebrar, de certo modo, muito mais o passado do que o presente. Já não há muito caminho mais a percorrer: sim há a triste certeza de não podermos continuar juntos, indefinidamente, a caminhada que iniciamos faz quarenta anos. Mas que esperamos seja eterna enquanto dure. A realidade fica, via de regra, aquém do sonho. Mas não é isso o que sinto e que posso testemunhar. O sonho, para mim, é que ficou aquém da realidade. Fui feliz, sou muito feliz, é a constatação a que serenamente chego no somatório dos altos e baixos da vida. Não posso, por isso mesmo, escapar de um sentimento incômodo, o de ter sido imerecidamente privilegiado – de me haver tocado na vida muito mais o caminho das flores do que o dos espinhos".*

Além de um defensor da diplomacia e do Brasil, PNB era sobretudo alguém que demonstrava uma profunda paixão pela vida e por vários campos do conhecimento: uma *well-rounded personality*.

*"Toda a história do PNB é uma história de má compreensão por parte dos outros, e muitas vezes devido à forma como ele se dirigia às pessoas. Às vezes perdia a ternura, e na vida é preciso fazer como Che Guevara: 'hay que endurecer, pero sin jamás perder la ternura'. E o Paulo Nogueira não acreditava no Che. Por isso fica mais essa imagem da dureza, mas é preciso julgar as pessoas pela sua história". Embaixador Antônio Simões.*

## MEMÓRIAS DE MONTEVIDÉU,

POR TADEU VALADARES, EMBAIXADOR EM SAN JOSÉ

“Lá estávamos nós, na ALADI. Reunião do Comitê de Representantes. Chegada do novo Embaixador da Venezuela. Velhinho, velhinho. Simpático. Tradicional. Uma semana depois, debate no Comitê. PNB fumando seus charutos, como sempre. Impregnava. A mesa era redonda, enorme, para nela caberem o Presidente, todo o Secretariado e dois representantes por país. Lá pelas tantas, no auge do debate previsto na agenda, vem um jovem venezuelano pedir ao Embaixador que, se possível, não fumasse seus havanos, porque o Embaixador da Venezuela era asmático, etc e tal. E por casualidade, os dois representantes venezuelanos sentavam exatamente em frente ao Embaixador e a mim. PNB imediatamente apagou o havano. E deixou de fumar durante as reuniões do Comitê. Dois meses depois, a gente querendo algo e os venezuelanos capitaneando a resistência. Bloqueando, negaceando, toda a missa de sempre. PNB se irritando. Usando toda sua sutil dialética, mas com pouco resultado. Então, puxou o havano. Acintosamente acendeu-o e mandou baforada sobre baforada em cima do venezuelano. A gente acabou vitorioso nesse debate. Da vitória a gente em geral se lembra. Das grandes derrotas, também. O venezuelano deve ter tido um ataque de asma...”

## PNB, sob o olhar dos filhos...

“Meu pai sempre fez questão que falássemos português em casa, que nos preocupássemos com as questões do nosso país. Como toda família de diplomatas, vivemos muito no exterior, mas a ligação com o Brasil sempre foi fortíssima, estimulada por nosso pai. A identificação com nosso país de origem foi, portanto, natural. Nunca nos sentimos “estrangeiros” em nosso próprio país. Lembro de meu pai sempre como um diplomata em sua natureza, competente não apenas nas negociações profissionais, mas também inteligente e sensível nas suas relações privadas. Sabia nos orientar com perspicácia e sensibilidade, sempre nos incentivando e torcendo por nós, filhos. Outra característica marcante: era um autodidata, lia muito, estudava e descobria interesse por assuntos os mais diversos: música, literatura, arte, política, história, filosofia. Próximo ao fim de sua vida, estava lendo um livro sobre filosofia tibetana - sobre a visão oriental da nossa relação com vida e morte. Tinha uma curiosidade e um interesse por tudo. Faz muita falta. Teria sido extremamente enriquecedor vê-lo envelhecer, o que lhe teria dado mais tempo para descobrir novos interesses e desenvolvê-los. Por exemplo, ele tinha imensa



PNB e família em frente à Embaixada brasileira em Ottawa, onde serviu entre 1964 e 1967.

atração por novidades, novas tecnologias. Adorava *gadgets* (impressora, fax). Mas não viveu para descobrir a internet, o e-mail, o telefone celular e a foto digital. Ele foi quem me mostrou um dos primeiros *personal computers*, e me ensinou a usá-lo (ainda o antigo sistema MS-DOS). Eu diria, meu pai era verdadeiramente uma *well-rounded personality*. Ele partiu cedo demais”.

### Maria Isabel, a filha caçula

“Eu me lembro em especial das viagens que fazíamos juntos. A que mais me marcou foi a que fizemos quando ele foi removido, como Ministro Conselheiro, para a Embaixada em Bonn, na Alemanha, no final da década de 60. Fomos de navio do Rio para Lisboa e de lá de carro até a Alemanha, uma viagem de mais de um mês! Foi inesquecível. Eu tinha apenas 10 anos, mas me lembro muito bem do entusiasmo do meu pai com tudo que víamos, e principalmente a paciência dele conosco. Afinal de contas, não é nada fácil aguentar uma viagem desse tipo com 3 garotos na faixa dos 10 aos 13 anos! Não se cansava de nos dizer como era importante conhecer outras culturas. Como diplomata e homem público, a imagem que guardo dele é a do defensor irrestrito dos interesses nacionais. Me lembro muito bem da aliança que ele costurou com o Embaixador da Índia, na época em que ele era Embaixador em Genebra junto ao GATT. Foi, a partir daí, que começou a luta dos países menos desenvolvidos por ‘um lugar ao sol’ e a Índia parecia o parceiro natural nessa luta. A passagem dele pela Nuclebrás também foi um período marcante. Talvez uma das maiores decepções dele. Uma tentativa frustrada de diminuir a influência americana. Mas, acima de tudo, a lembrança que fica é a de um homem muito respeitado por todos, aliados e adversários. E que respeitava os outros. Um verdadeiro diplomata! Tenho certeza que se ele estivesse vivo (hoje estaria com mais de 80 anos), ele ainda estaria de uma forma ou de outra envolvido com a vida pública, e muito provavelmente adorando e se divertindo muito com o atual momento político que vivemos”.

### Do filho Olavo

“Seu amor pelo Brasil e sua sensibilidade social foram sempre fonte de inspiração da nossa brasilidade e da nossa formação humanista. Era muito exigente e detestava incompetência e falta de caráter. Como negociador, era duro, mas transparente e confiável. Conquistava o respeito dos adversários. Incansável. Sua relação com o ex-Ministro Olavo Setúbal foi um exemplo marcante. Divergiam ideologicamente em quase tudo, mas a relação de subordinação não era obstáculo. Tornaram-se amigos. Seu maior sonho era ser Chanceler. Liderar a Casa à qual tanto se dedicou. Quase chegou lá, e isso acabou sendo também sua maior frustração. Mas não transigiu com seus princípios. Lembro-me bem que nos meses que antecederam sua morte, ele andava muito triste e frustrado com as negociações no âmbito do Mercosul e da ALADI, e com a incapacidade da Casa em defender os interesses nacionais e ceder a pressões desnecessárias”.

### Do filho João

[ LUCAS OLIVEIRA BARBOSA LIMA (TURMA 2009-2011) É BACHAREL EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. ]